
DESAFIOS DE UM MUNDO

EM MUDANÇAS



AURELIANO CHAVES

GERALD FORD

GEORGE SHULTZ

ERNANE GALVÊAS

MARIO GARNERO

PIERRE LEDOUX

WILLIAM SIMON

OSWALDO COLIN

DESAFIOS DE UM MUNDO EM MUDANÇAS

AURELIANO CHAVES
GEORGE SHULTZ
MARIO GARNERO
WILLIAM SIMON

GERALD FORD
ERNANE GALVÉAS
PIERRE LEDOUX
OSWALDO COLIN

impresso no Brasil

**EDIÇÕES
FÓRUM DAS AMÉRICAS**

Av. Brigadeiro Faria Lima, 888, 12º andar

Tel.: 813-7011

CEP — 01452 — Telex: 30.813

São Paulo — Brasil

ÍNDICE

Apresentação	11
A questão energética brasileira	
<i>Aureliano Chaves</i>	17
Tendências econômicas presentes e futuras:	
Algumas observações geopolíticas	
<i>Gerald R. Ford</i>	67
Não há salvação fora da economia de mercado	
<i>George Shultz</i>	83
Autonomia energética:	
O exemplo brasileiro	
<i>Mario Garnero</i>	89
Tempos turbulentos pela frente	
<i>William Simon</i>	95
A economia brasileira e suas perspectivas	
<i>Ernane Galvêas</i>	121
O dilema europeu	
<i>Pierre Ledoux</i>	129
O modelo brasileiro de desenvolvimento:	
Um quadro realístico	
<i>Oswaldo Colin</i>	139
(Lista de participantes)	151

AUTONOMIA ENERGÉTICA: O Exemplo Brasileiro

*Mario Garnero
Presidente do Brasilinvest*

AUTONOMIA ENERGÉTICA: O Exemplo Brasileiro

O Brasil encontra-se empenhado na execução de amplo programa de produção de energia alternativa não derivada do petróleo. Cerca de 6 bilhões de litros de álcool para fins veiculares e para uso petroquímico serão produzidos na safra agrícola 1980/81. Cerca de 250 mil autoveículos movidos exclusivamente a álcool serão produzidos no corrente ano pelo Brasil. O uso do carvão mineral e do carvão vegetal vai assegurar a redução dos gastos em óleo combustível.

Em janeiro do próximo ano, será lançado um programa destinado a substituir o óleo diesel por combustível extraído de matérias-primas vegetais brasileiras.

Em um ano de execução desse programa energético, dirigido para atenuar a dependência de petróleo importado, o Brasil já conseguiu reduzir de 960 mil barris para 800 mil barris/dia as suas compras de óleo no exterior.

Os números que acabo de citar são modestos, numa comparação com os valores e dimensões das economias dos países industrializados. Mas para o Brasil significam muito. As conquistas já obtidas nesse campo representam, sobretudo, a afirmação de uma vontade política, destinada a dar ao nosso País a auto-suficiência energética ainda na atual década.

Até 1990 o Brasil tem condições de estar em grande medida independente de petróleo importado, mediante a exploração sistemática de seu enorme potencial de recur-

tos naturais. Com esse objetivo, o governo e o empresariado brasileiro discutem a concretização de uma proposta de autonomia, cujas metas, estou seguro, nada têm de irreais.

De fato, pretende o Brasil, até o final de 1990, atingir as seguintes metas de produção energética, medida em barris equivalentes de petróleo:

energia hidrelétrica, 1,8 milhão de barris;

energia nuclear, 159 mil barris;

lenha, 376 mil;

bagaço de cana, 634 mil barris;

álcool carburante, 317 mil;

carvão mineral e vegetal, 347 mil barris;

gás natural, 31 mil;

xisto, 94 mil barris;

petróleo de produção doméstica, 800 mil barris/dia.

A expectativa em torno da exploração de outras fontes energéticas e da aplicação de medidas de conservação aponta para uma disponibilidade potencial de 160 mil barris/dia equivalentes de petróleo.

As metas mencionadas acima estão estimadas em valores absolutos e obedecem a uma programação a ser recalculada de ano a ano, de maneira que o plano decenal seja dividido em duas etapas de cinco anos cada uma. Em 1985, por exemplo, já se prevê que as importações de petróleo terão decrescido de 800 mil barris/dia, atualmente, para 425 mil barris.

As razões da preocupação aparentemente excessiva do Brasil com sua autonomia energética dispensam maiores explicações. O atual conflito no Oriente Médio, as incertezas futuras, além de justificarem a preocupação do Brasil, servem também como estímulo adicional ao nosso esforço.

Eu me permitiria lembrar aos senhores que o Brasil se dispôs a uma tarefa gigantesca, agindo com nítida consciência do seu papel no sistema econômico e financeiro internacional. Os compromissos e responsabilida-

des brasileiros encontram-se bem definidos, e a decisão de buscar a autonomia energética significa, no mínimo, a certeza de estar contribuindo para a normalidade das relações presentes e futuras com as nações que integram a comunidade internacional de negócios.

Como empresário privado brasileiro, gostaria de manifestar a esperança de que a comunidade de negócios aqui presente saberá compreender o alcance tanto econômico como político do imenso esforço que o Brasil está realizando. Mais que nunca, é imprescindível contar com a cooperação legítima, aberta e espontânea dos grandes centros financeiros mundiais, cujos recursos, ironicamente originários, em boa parte, da crise energética enfrentada pelo mundo, poderiam encontrar no mercado brasileiro condições favoráveis de aplicação.

As bases de um relacionamento com benefícios e ganhos mútuos, com riscos e responsabilidades recíprocos, encontram no episódio brasileiro, em particular na área energética, a mais positiva contribuição para a harmonia desejada por todos nós.

Eu exorto os senhores a examinarem com atenção a decisão brasileira de buscar sua autonomia energética, fator que tende a se transformar, como o foram outras matérias-primas no passado, em motivo de conflitos e de tensões entre as nações. Estou convicto de que ninguém os deseja para seus povos e suas nações. Por outro lado, ninguém deve contribuir, com passividade ou indiferença, para que tais conflitos e tensões se estendam ao sistema econômico internacional.

Pedindo desculpas por aquilo que possa parecer arrogância ou presunção, eu arriscaria a dizer aos senhores que o Brasil tenta dar o justo e adequado exemplo. Cabe a todos nós, empresários e cidadãos, interpretar a resolução brasileira como motivo de estímulo generalizado, como um convite à cooperação e à solidariedade, para correr um justo e adequado risco em busca da independência energética.